

Os gêneros orais na “Coleção tempo de aprender”: contribuições para a educação de jovens e adultos

*Oral genres in the “Coleção tempo de aprender”:
contributions to youth and adult education*

Maria Bonfim Alves Cândido ¹ 

José Rodrigues de Mesquita Neto ² 

Maria Solange de Farias ³ 

RESUMO

Este estudo tem como objetivo geral analisar a abordagem dos gêneros orais na “Coleção Tempo de Aprender” (Silva; Silva; Marchetti, 2013). Os objetivos específicos estão definidos como: (i) identificar os gêneros orais contemplados no livro didático e (ii) verificar a função social e comunicativa dos gêneros orais encontrados. Como fundamentação teórica, baseamos em documentos oficiais nacionais e estaduais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997), a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), e o Documento Curricular Referencial do Ceará (Ceará, 2021). Para embasar a discussão sobre oralidade, recorreremos às obras de Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018), Silva (2018) e Bilro et al. (2023). Quanto à metodologia, esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa do tipo descritiva. Nesse aspecto, este trabalho está inserido na linha de pesquisa que discute os estudos da linguagem e práticas sociais, utilizando como objeto de análise a “Coleção Tempo de Aprender”. Após a análise, constatamos que o livro didático aborda os gêneros orais de forma limitada, com propostas de exercícios focados principalmente no uso da fala em contextos informais.

Palavras-chave: Livro didático. Oralidade. Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

This study aims to analyze the treatment of oral genres in the “Coleção tempo de aprender” (collection time to learn) (Silva; Silva; Marchetti, 2013). The specific objectives are: (i) to identify the oral genres included in the textbook and (ii) to examine their social and communicative functions. As theoretical framework, we draw on national and state official documents, such as the National Curriculum Parameters (Brazil, 1997), the National Common Curricular Base (Brazil, 2018), and the Curricular Referential Document of Ceará (Ceará, 2021). To support the discussion on orality, we refer to the works of Carvalho and Ferrarezi Jr. (2018), Silva (2018) and Bilro et al. (2023). Regarding the methodology, this research adopts a qualitative and descriptive approach. In this sense, it is situated within the line of research that discusses language studies and social practices, taking the *Coleção Tempo de Aprender* as its object of analysis. The findings indicate that the textbook approaches oral genres in a limited way, with activities mainly focused on the use of speech in informal contexts.

Keywords: Textbook. Orality. Education for youth and adults.

¹ Mestra pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Icó/CE, Brasil. E-mail: educmariabonfim@gmail.com.

² Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Pau dos Ferros/RN, Brasil. E-mail: josemesquita@uern.br.

³ Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutora em Língua Espanhola pela Universidad de Salamanca (USAL). Mossoró/RN, Brasil. E-mail: solange_espanha@yahoo.com.br.

1 INTRODUÇÃO

O uso da linguagem oral é imprescindível tanto na vida social, como na escolar e acadêmica; no entanto, o ensino da oralidade, referente, principalmente, aos padrões de uso e adaptação às diversas situações, ainda não ocorre de forma tão sistemática quanto se almeja. Nesse entendimento, Betti e Gomes-da-Silva (2018, p. 39) reforçam a necessidade desse ensino por entenderem que a linguagem é a "capacidade humana de produzir sentidos, de articular significados sociais e pessoais e compartilhá-los conforme as necessidades e experiências da vida em sociedade".

Nesse sentido, no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), o desafio do uso da linguagem oral se torna ainda mais complexo devido a sua historicidade que envolve fatores emocionais, faixa etária e diferentes ritmos de aprendizado. Frequentemente, isso se traduz em dificuldades de expressão verbal e social, especialmente pela percepção de que "a língua atua como um instrumento de contrato social" (Carvalho; Ferrarezi Jr., 2018, p. 15). Portanto, os alunos da EJA, com suas diversas trajetórias e experiências de vida, precisam dominar e empregar a linguagem formal para discernir entre os diferentes registros linguísticos, considerando que muitos retornam à escola com o objetivo principal de melhorar suas condições de empregabilidade.

Além disso, a EJA tem ganhado destaque crescente nas discussões sobre políticas educacionais no Brasil, impulsionada pela necessidade de promover a inclusão e a garantia do direito à educação ao longo da vida para todos os cidadãos. Nesse contexto, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) desempenha um papel fundamental na disponibilização de materiais didáticos adequados às especificidades dessa modalidade de ensino, fornecendo suporte pedagógico essencial aos educadores e aprendizes. No entanto, uma lacuna preocupante se faz presente: desde 2014, não houve a publicação de um PNLD específico voltado para a EJA, o que justifica o uso de uma coleção de 2013 em nossa análise. Tal omissão suscita questionamentos sobre a efetividade das políticas educacionais no atendimento às demandas dessa parcela significativa da população, que muitas vezes enfrenta desafios particulares no processo de aprendizagem. Portanto, a partir de nossa análise, podemos refletir sobre a necessidade de atualização dos materiais didáticos disponíveis, visto que os recursos utilizados em sala de aula devem estar alinhados com as diretrizes curriculares vigentes.

Frente a essa perspectiva, dada a diversidade de temáticas que se relacionam aos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, este trabalho tenta responder às seguintes perguntas-problema: qual o papel dado aos gêneros orais dentro do livro didático no processo de ensino e aprendizagem de português na EJA? Como os gêneros orais são abordados no livro didático "Coleção Tempo de Aprender" (Silva; Silva; Marchetti, 2013)? Que atividades/práticas sociais e comunicativas se expressam no livro didático (LD)?

Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a abordagem dos gêneros orais no livro didático "Coleção Tempo de Aprender" e como específicos: identificar os gêneros orais contemplados no livro didático e verificar a função social e comunicativa dos gêneros orais encontrados. Como fundamentação teórica, baseamos-nos em documentos oficiais nacionais e estaduais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997), a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), e o Documento Curricular Referencial do Ceará (Ceará, 2021). Para embasar a discussão sobre oralidade, recorreremos às obras de Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018), Silva (2018) e Bilro *et al.* (2023). Metodologicamente, esta pesquisa foi delimitada com uma abordagem qualitativa e

descritiva, visando analisar a abordagem dos gêneros orais no livro didático; portanto este trabalho discute sobre linguagem e práticas sociais e traz como objeto de geração e análise de dados a “Coleção Tempo de Aprender”.

2 GÊNEROS ORAIS E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Dolz e Schneuwly (2004) afirmam que os gêneros são considerados os instrumentos pelos quais o homem interage no mundo e por meio dos quais as relações sociais se instauram.

Para Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018, p. 13), “há poucas coisas que possamos considerar mais características da espécie humana do que falar”. Para os autores, aqueles que não apresentam nenhum problema auditivo, motor ou cognitivo, começam a caminhada incrível pelo mundo da oralidade quando aprendem a falar. Nesse sentido, enquanto local onde o conhecimento acontece de forma processual e contínua, a escola desempenha um papel essencial no desenvolvimento das competências de comunicação oral com os alunos, nas várias fases de ensino.

Entretanto, na escola, durante as aulas de português, quando comparada à escrita, percebemos que a proficiência oral tem ocupado um lugar secundário em todo o processo de desenvolvimento do aluno, não a vislumbrando enquanto objetivo educacional de aprendizagem, nem seu fundamental papel na construção humana. Silva e Méa (2018) discutem como o ensino de gêneros orais ainda é limitado e pouco valorizado, apesar de sua relevância social e pedagógica. Costa-Maciel (2012) menciona que há lacunas no entendimento dos conceitos sobre o trabalho com a oralidade entre os professores, e muitos deles empregam a oralidade como introdução para atividades voltadas à escrita. A autora também observa que essa situação em parte deriva da formação acadêmica dos educadores. Marques (2023, p. 132) dialoga com Costa-Maciel (2012) ao informar que, no ambiente escolar, o texto assume um “elevado número de abordagens didáticas que se centram na aprendizagem da escrita”. Face a este cenário, discussões teórico-metodológicas, presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (Brasil, 1997) e na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), dispuseram novos conceitos e objetivos para o ensino da oralidade, orientando para um trabalho a partir das práticas sociais, não mais marcadas apenas pelas diferenças e semelhanças entre fala e escrita.

O gênero oral, portanto, deve ser tomado como objeto de conhecimento, visando levar tanto ao aprendizado de práticas escolares em que a oralidade se faz presente, como também contribuir para a participação do aluno na vida pública. Essa perspectiva de trabalho pode levar, naturalmente, à formação para a cidadania.

Em vista disso, mencionamos as considerações de Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018, p. 43), quando afirmam que “[...] a fala serve como material de contrato social [...]”. Logo, compreendemos que a utilização da língua é construída pelos sujeitos nos processos de interação humana, ante os papéis sociais. Para tanto, cabe à escola ensinar o(ao) aluno a utilizar a língua oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc.

Por esse prisma, destacamos a modalidade falada da língua e o tratamento dado a ela na BNCC (Brasil, 2018). Em consonância, compreende-se que o ensino de oralidade tenha respaldo no seu uso social, haja vista que o papel da escola é levar os alunos a ultrapassar as formas de produção oral cotidianas para confrontar com outras formas mais

institucionais, mediadas, parcialmente reguladas por restrições exteriores (Dolz; Schneuwly, 2004). Para tanto, é imprescindível que os livros didáticos apresentem propostas de atividades com gêneros orais da esfera pública e formal, além de atividades voltadas para situações comunicativas de uso informal da língua. A abordagem dos gêneros orais nas aulas de Língua Portuguesa propiciará aos alunos o desenvolvimento de habilidades que lhes serão úteis em situações reais de comunicação.

Essa abordagem se faz mais necessária, principalmente, quando se trata de Educação de Jovens e Adultos, considerando que a prática oral bem elaborada é algo significativo para atender às particularidades desse público, que vislumbra a preparação e qualificação para o mercado profissional, que é cada vez mais exigente, desafiador e competitivo. Bilro *et al* (2023) reforçam que o livro didático (LD) para o público da EJA “se constituiu como um campo em que os materiais didáticos têm sido subestimados, negligenciados e até mesmo negados”, visto que não há uma nova publicação do PNLD para esse público há mais de 10 anos.

Para os alunos dessa modalidade de ensino, o domínio da oralidade poderá ampliar suas oportunidades, compreendendo, assim, a importância do livro didático em oferecer atividades que contemplem os gêneros orais para a efetivação de um ensino mais conectado às suas necessidades, sejam no âmbito profissional ou social, já que “esse exercício auxilia no enfrentamento a estereótipos em torno da EJA, que dificultam o acesso equânime de seus educandos às diversas atividades da vida social, como o mercado de trabalho” (Ceará, 2021, p. 65).

Contudo, a práxis nem sempre acontece. Acerca dessa questão, Teixeira (2012) afirma que a prática de expressão oral, quando presente nas atividades de aula, costuma estar relacionada a atividades lúdicas e informais, como “converse com seu colega” ou “discuta em grupo”. Por esta ótica, a autora enfatiza que essa “mera oralidade não caracteriza pedagogicamente a atividade de uso da linguagem em situações sociais e informais de comunicação oral” (Teixeira, 2012, p. 242). No entanto, discordamos parcialmente da autora, pois acreditamos que essas atividades orais, por serem de cooperação, ou seja, de trocas legítimas, favorecem a aprendizagem, pois fazem parte de uma estratégia de regulação. Assim, podendo ser considerada uma situação autêntica em sala de aula.

Dessa forma, ao valorizar a oralidade em sala de aula, bem como as práticas escritas, a escola estará assistindo a um panorama que compõe a linguagem humana de forma sistematizada, principalmente na EJA, considerando que esta é uma modalidade de ensino que oferece a possibilidade de recuperar os estudos, principalmente para o aluno da classe trabalhadora, que retorna frequentemente à escola após vários anos de afastamento para melhorar tanto o desempenho acadêmico quanto as condições de trabalho.

Portanto, compreendemos que a prática da oralidade e seus gêneros é fundamental, visto que a BNCC (Brasil, 2018) afirma que o componente de Língua Portuguesa deve proporcionar experiências de aprendizagem tanto através da linguagem escrita como da oral. Nesse sentido, a BNCC, ao se referir ao Componente Curricular Língua Portuguesa, traz como proposta quatro grandes eixos, dentre eles, a oralidade: “[...] são aqueles já consagrados nos documentos curriculares da Área, correspondentes às práticas de linguagem: oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica (que envolve conhecimentos linguísticos [...])” (Brasil, 2018, p. 71).

Percebemos que ensinar a oralidade na escola é fundamental, considerando que ela é definida como prática social interativa com finalidades comunicativas e que se materializa de forma sonora, manifestando-se socialmente nos variados gêneros textuais (Marcuschi, 2010). A materialidade desse ensino se concretizará a partir da inserção dos alunos nas várias práticas de interação social de linguagem, observando seu contexto histórico, os temas, a pertinência de sua abordagem em função dos interlocutores. Nesse sentido, a BNCC (Brasil, 2018, p. 79) afirma que o Eixo Oralidade envolve “a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação”. O documento apresenta como exemplos de práticas de linguagem que ocorrem em situação oral a aula dialogada, web conferência, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, entre outras.

Assim, é importante defender a ideia de que o LD destinado à EJA contemple os gêneros orais presentes nas particularidades e especificidades dos estudantes, oportunizando-os ao contato com os gêneros de diferentes esferas, para ampliar conhecimento nas mais diversas condições sócio-históricas. É inquestionável que, para que haja a adequação da oralidade à situação de comunicação, será necessário a apropriação do uso dos gêneros por parte do aprendiz. Assim, a BNCC (Brasil, 2018) apresenta a proposta de analisar, em gêneros orais que envolvam argumentação, os efeitos de sentido de elementos típicos da modalidade falada, como a pausa, a entonação, o ritmo, a gestualidade e expressão facial, as hesitações etc. (Brasil, 2018).

Dessa forma, infere-se que há necessidade de se trabalhar a oralidade e a escrita no intuito de que os discentes, por meio da comunicação, possam discutir e construir seus saberes, sua própria história, já que “a oralidade é determinante para a composição de nossa identidade. Não apenas nossa identidade pessoal, mas também nossa identidade de grupo” (Carvalho; Ferrarezi Jr., 2018, p. 17).

As histórias que contamos uns aos outros, os dialetos que falamos e as expressões que utilizamos refletem não apenas nossa singularidade, mas também nossas conexões comunitárias e culturais, estabelecendo um vínculo essencial entre o eu e o nós na complexa tessitura da identidade humana.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa foi delimitada com uma abordagem qualitativa, do tipo descritiva que visa analisar a abordagem dos gêneros orais nos livros didáticos. Para Goldenberg (2001), na pesquisa qualitativa, a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento de compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc.

Além da abordagem qualitativa, esta pesquisa caracteriza-se como descritiva. Segundo Gil (2002, p. 42), “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno”. Nesse sentido, acreditamos ser este o método mais adequado para o desenvolvimento de uma pesquisa que tece considerações sobre abordagem da modalidade oral no LD.

Temos como *corpus* de análise os gêneros orais nos livros didáticos, buscando investigar a abordagem que é atribuída. Para a análise dos LD, utilizamos os seguintes critérios:

- (i) Identificação dos gêneros orais: a) Clareza de identificação: Avaliamos se os gêneros orais são claramente identificados no livro didático, por meio de títulos, indicações visuais ou textuais que facilitem o reconhecimento e a compreensão do gênero em questão; e b) Contextualização: Verificamos se os gêneros orais são apresentados em contextos significativos, que permitam aos estudantes compreenderem sua utilidade e aplicabilidade em situações reais de comunicação.
- (ii) Abordagem dos gêneros orais: a) Coerência com os objetivos educacionais: Verificamos se a abordagem dos gêneros orais está alinhada com os objetivos educacionais propostos para o ensino da língua oral no livro didático; b) Variedade de gêneros: Avaliamos se o LD contempla uma diversidade de gêneros orais, como diálogos, entrevistas, debates, apresentações, narrações etc., que possibilitem aos estudantes desenvolverem habilidades comunicativas em diferentes contextos; e c) Progressão: Verificamos se os gêneros orais são apresentados de forma progressiva, considerando a complexidade linguística e comunicativa, para que os estudantes possam desenvolver suas competências gradualmente.
- (iii) Função social e comunicativa dos gêneros orais: a) Intencionalidade comunicativa: Analisamos se os gêneros orais apresentados no LD têm uma função clara e específica na comunicação oral, como persuadir, informar, entreter, negociar, entre outras; b) Relevância social: Verificamos se os gêneros orais abordados no LD são relevantes para a participação dos estudantes na sociedade em que estão inseridos, considerando situações de uso cotidiano, profissional ou acadêmico; e c) Interatividade: Avaliamos se os gêneros orais propostos no LD promovem a interação e a participação, por meio de atividades que envolvam diálogos, debates em grupo, simulações, entrevistas, entre outras estratégias.

Ao analisarmos a coleção com base nesses critérios, pudemos obter uma visão mais abrangente sobre a abordagem dos gêneros orais, sua identificação e sua função social e comunicativa. Todos os critérios foram levados em consideração dentro de cada um dos livros da coleção e os dados serão apresentados de forma individual (por livro) e de forma coletiva (por coleção).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta análise, observamos a abordagem dos gêneros orais na “Coleção Tempo de Aprender” utilizado na EJA para o ensino de Língua Portuguesa no Centro de Educação para Jovens e Adultos (CEJA) Ana Vieira Pinheiro do estado do Ceará.

A coleção consiste em quatro volumes, um para cada série (6º ao 9º ano), com cada um deles contendo duas unidades organizadas em torno de eixos temáticos específicos. No 6º ano, os eixos são “Identidade”, “Cidadania e Leitura”. No 7º ano, abordam-se “Meio Ambiente”, “Saúde e Qualidade de Vida”. Já no 8º ano, os temas são “Cidadania” e “Cultura de Paz”. Por fim, no 9º ano, os eixos temáticos incluem “Trabalho e Consumo”, bem como “Globalização e Novas Tecnologias”.

4.1 O lugar do Gênero oral na Coleção Tempo de Aprender (6º ano)

No livro do 6º ano, uma variedade de gêneros é explorada, incluindo, na primeira unidade, autobiografia, fotografia, canção, fragmentos de romance, poema, fábula e texto didático. Na segunda unidade, são abordados gêneros como catálogo, notícia, ilustração, foto, ficha de identificação do livro, trecho de ensaio, conto, pintura, resumo, conto maravilhoso e conto acumulativo.

Na unidade 1, as atividades propostas concentram-se na resolução de questões de leitura e interpretação de textos escritos, bem como na produção de relatos pessoais, autobiográficos e de resumos, privilegiando, assim, os gêneros escritos. Na unidade 2, são oferecidas atividades que abordam questões sociais a partir de textos, que promovem reflexões sobre a importância do ato de ler e estudar. Além disso, na mesma unidade, há uma proposta para trabalhar com contos acumulativos, os quais podem ser explorados no contexto da oralidade.

Portanto, os gêneros escolhidos para as atividades demonstram representatividade cultural e social, mas priorizam a escrita, limitando a diversificação do repertório comunicativo dos alunos.

4.2 O lugar do Gênero oral na Coleção Tempo de Aprender (7º ano)

No livro do 7º ano, são explorados diversos gêneros, tais como cartoon, canção, trechos de romance, conto, lenda, entre outros. Na unidade 1, as atividades destacam-se pela valorização dos gêneros textuais escritos. No entanto, seria enriquecedor abordar também gêneros orais, considerando que tanto a notícia quanto a propaganda podem ocorrer em contexto oral. Ressaltamos e dialogamos com autores como Bilro *et al.* (2023) sobre a importância de se explorar a relação entre a oralidade e a escrita no processo de construção de um gênero, visto que, em muitos casos, elas mantêm um diálogo sistemático.

Na unidade 2, percebemos que os gêneros estudados têm, em sua maioria, uma abordagem direcionada ao texto escrito, como se verifica na Figura 1:

Figura 1: Receita Poética – Do oral para o escrito

Bolo da felicidade

Ingredientes: 2 xícaras de compreensão; 1 xícara de carinho; 1 xícara de paciência; 10 xícaras de humildade; 1 copo transbordando de alegria; 2 colheres de bom humor; 20 colheres de tolerância.	Modo de preparar: 1) Colocar a tolerância no coração e mexer com carinho.	 2) Acrescentar a compreensão, a humildade, a paciência e o bom humor. 3) Misture tudo com jeito. 4) Use o forno brando e nunca ferva. 5) Servir porções generosas sempre com alegria e muito AMOR . 6) Não deixe esfriar. A temperatura é a do coração. A receita nunca falha, foi testada e aprovada.	Disponível em: http://www.meupombocorreio.hpg.ig.com.br/bolo_da_felicidade.htm. Acesso em: 27 set. 2006.
---	---	--	--

TRABALHANDO COM TEXTO



A partir dos textos lidos, responda às questões. Depois compartilhe as respostas com os colegas.

1. Que características de uma **receita culinária** você pode identificar nos textos 1 e 2?
2. É possível afirmar que os dois textos apresentam a mesma estrutura?
3. E quanto ao tema, eles são semelhantes ou diferentes?
4. O texto 1 é classificado como **receita culinária**. Já o texto 2 foi chamado de **receita poética**. Qual foi, provavelmente, a intenção de quem escreveu o texto 1? E o texto 2?
5. O vocabulário apresentado nos dois textos é semelhante? Por quê?

Tramando textos e ideias

Do oral para o escrito

Entreviste uma pessoa idosa que queira compartilhar a sua história de vida, revelando suas experiências, o que viu, viveu ou não viveu, do que sorriu, chorou, o que ou quem amou, o que perdeu ou ganhou, a sua luta...

Peça para essa pessoa falar como misturou esses ingredientes e que sabor resultou. Depois, transforme a entrevista num poema ou numa receita poética semelhante à que você acabou de ler na atividade anterior.

Fonte: Silva; Silva; Marchetti (2013, p. 77)

Ao verificarmos os critérios de coerência com os objetivos educacionais relacionados com a abordagem dos gêneros orais no livro didático, avaliando se estão em conformidade com os propósitos do ensino da língua oral, observamos que a valorização da escrita em detrimento dos gêneros orais é perceptível em todas as atividades da unidade 2, mais especialmente naquela que propõe a realização de uma entrevista e, seguidamente, solicita que a transforme em um poema ou receita culinária poética. Ou seja, quando oferta o trabalho com a oralidade, o faz a partir de recursos escritos, embora pudesse explorar abordagens orais. Por esse viés, corroboramos com Barbosa e Magalhães (2021) ao afirmarem que existem diversos problemas no tocante às ações escolares quando pensamos no ensino do oral. A título de exemplo, mencionamos dois: “a prática de oralidade como pretexto para o trabalho escrito” e “a retextualização da fala para a escrita com o único intuito de “higienizar” o texto e não para promover a reflexão acerca do uso social da língua” (Barbosa; Magalhães, 2021, p. 67).

Portanto, os autores destacam o fato de se transformar a prática da oralidade em apenas uma etapa preliminar para a produção escrita, em vez de valorizá-la em si mesma. Além disso, ressaltam a tendência de retextualizar a fala para a escrita sem promover uma reflexão sobre o uso social da língua.

4.3 O lugar do Gênero oral na Coleção Tempo de Aprender (8º ano)

No livro do 8º ano, são explorados, na unidade 1, os gêneros fotografia, HQs, canção, caso, cordel (com características marcantes de oralidade), falar caipira (com marcas de oralidade), fotografia, reportagem, poema, conto, seminário e discurso (para apresentação pública). Já na unidade 2, são abordados ensaio, poema, artigo de opinião, anúncio institucional, carta pessoal, carta aberta ao leitor e e-mail.

Na Unidade 1, são disponibilizados textos que, embora de maneira discreta,

promovem a reflexão sobre aspectos da oralidade, com o objetivo de desenvolver o uso da comunicação verbal em público. As atividades propostas englobam procedimentos de preparação e adaptação da linguagem para situações de expressão oral, como a narração de histórias e a recitação de cordel, conforme ilustrado na Figura 2:

Figura 2: Apresentação do gênero causo

Circulação do texto

Um dos modos mais interessantes de fazer circular um causo é divulgá-lo a outras pessoas por meio de uma contação. Assim, é por meio de uma contação de causos que a sua turma fará que as histórias cheguem aos alunos de outras salas.

Na pesquisa proposta na etapa 1, o texto saiu do oral; na etapa 2, foi para o escrito; e agora voltará para o oral.

1. A classe deverá formar grupos de quatro ou seis alunos.
2. Em grupo, leiam os causos. Decidam se apresentarão todos eles ou apenas alguns. Se a apresentação for em duplas, escolham quem fará a contação propriamente dita e qual será a função do colega que não for contar a história. Ele poderá ajudar com recursos de sonoplastia ou contribuir na preparação e divulgação da apresentação.
3. O contador do causo deverá preparar a fala previamente, ensaiando a sequência do texto várias vezes, pedindo a opinião dos colegas, do educador e enriquecendo a apresentação com recursos variados, tais como:
 - uso de figurino apropriado (se julgarem conveniente);
 - entonação da voz no momento da contação;
 - busca de representação de um falar específico;
 - provocação de humor por meio de frases feitas, gestos e surpresas relacionadas ao sentido do texto e às partes que merecem ser marcadas com mais ênfase;
 - interação com o público em alguns momentos. Neste caso, é preciso avaliar se essas interações ajudarão de fato a envolver o ouvinte ou se criarão interrupções que podem comprometer o fio narrativo.

Fonte: Silva; Silva; Marchetti (2013, p.29)

Ainda na unidade 1, além da leitura de textos verbais e não verbais, há uma atividade que contempla a elaboração e preparação da fala em gêneros orais para apresentação pública, o gênero seminário, como está na proposta da Figura 3:

Figura 3: Proposta de construção do Gênero seminário

E eu com isso?

Seminário

Cada grupo da classe pesquisou um tema da cultura indígena ou africana. Agora é hora de compartilhar esses conhecimentos. Para isso, será organizado um seminário.

Mas o que é um seminário?

Trata-se de uma apresentação pública e formal na qual a fala é organizada previamente. Seu objetivo é fazer uma comunicação oral, de modo claro e objetivo, a respeito de um tema estudado. E como conseguir isso?

- Em primeiro lugar, é necessário estudar o tema, porque as pessoas só conseguem falar de forma clara a respeito daquilo que compreendem.
- A produção da síntese é uma das estratégias que permite organizar o pensamento e as informações, recolhidas em várias fontes (livros, sites, revistas, jornais etc.).

Fonte: Silva; Silva; Marchetti (2013, p.43)

Na propositura da construção do gênero seminário, é possível perceber a orientação para uma exposição oral sobre cultura africana e indígena. Para tanto, há observações acerca de uma fala clara e objetiva, sendo necessária a pesquisa, a fim de fundamentar o trabalho, podendo fazer escolha de suportes escritos. Nesse sentido, as instruções dialogam com as propostas de Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018) acerca dos objetivos e preparação para a apresentação de um seminário ao afirmarem que:

São vários os objetivos que envolvem a proposição de um seminário: pesquisar o conteúdo em fontes confiáveis, organizar o conteúdo de forma coerente e fácil de entender. Para tanto, é necessário preparar os materiais de apoio para a apresentação (papéis, slides, vídeos, áudios, pessoas entrevistadas etc.), organizar o ambiente, treinar a apresentação e, finalmente, apresentar o seminário (Carvalho; Ferrarezi Jr., 2018, p. 91).

Na Unidade 2, é importante destacar a abordagem dada à importância do uso e do poder da palavra como instrumento de denúncia e mobilização para a prática da cidadania e a multiplicação das iniciativas de construção da justiça e da paz, com apropriação de recursos linguísticos; no entanto, apresenta-se uma dinâmica de atividades que contemplam os gêneros textuais escritos, como é o caso do poema, artigo de opinião, carta aberta ao leitor, dentre outros. Tendo em vista que os temas dessa unidade trazem em sua essência o caráter da oralidade, as atividades propostas, limitam-se a uma prática claramente direcionada à apresentação de questões com diferentes tipologias e gêneros escritos. Segundo Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018), está enraizado na escola a política do silenciamento, ou seja, aluno bom é o aluno calado. Portanto, quem tem o poder da fala, é o professor.

Apesar de concordarmos em parte com a fala do autor, enfatizamos que não estamos desqualificando o ensino dos gêneros escritos, pelo contrário, queremos destacar que ambos os gêneros são importantes e que o fato de aparecer gêneros escritos no livro didático, não quer dizer que o aluno ficará em silêncio, visto que, para a realização de tais atividades, faz-se necessário trocas orais que fomentem a aprendizagem dos gêneros escritos. No entanto, muito vai depender da práxis docente para que isso se efetive.

4.4 O lugar do Gênero oral na Coleção Tempo de Aprender (9º ano)

No livro do 9º ano, abordam-se os seguintes gêneros: trechos de romance, currículo, entrevista de emprego (oral) e texto dramático, trecho de romance, propaganda, conto maravilhoso, debate regrado (oralidade), na unidade 1. Na unidade 2, infográfico, reportagem, blog, palestra (oralidade), foto, legenda, reportagem, trecho de romance, poema, canção e sarau literário (oral).

Na Unidade 1, há a presença do estudo de gêneros textuais escritos como a interpretação de trechos de romances, mas há também, a valorização dos gêneros orais, pois há uma proposta de realização de uma simulação de entrevista de emprego de acordo com a profissão que exercem ou que pretendem exercer, como mostra a Figura 4:

Figura 4: Proposta de elaboração do gênero Entrevista

Tramando textos e ideias

Entrevista de emprego

Reúna-se com um colega e, em dupla, realizem uma simulação de entrevista de emprego de acordo com a profissão de vocês.

Um fará o papel do entrevistador, e o outro, do entrevistado. Depois, vocês trocarão de papéis: o entrevistado passará a ser o entrevistador e vice-versa. Essa atividade exige a construção de um texto oral e escrito.

Sigam as orientações.

1. O entrevistador fará previamente um roteiro de perguntas, para obter informações com a entrevista. O entrevistado **não poderá conhecer as perguntas antes da realização da entrevista**. Portanto, cada aluno deverá realizar esse roteiro individualmente, pois ambos farão o papel de entrevistador. O roteiro deverá conter questões relacionadas à profissão do colega. Pode ser uma profissão que ele já exerça ou que pretenda exercer.
2. Após as simulações, a classe fará uma avaliação da performance das duplas, com o intuito de discutir as dificuldades na realização da atividade e os aspectos positivos de cada apresentação.



Fonte: Silva; Silva; Marchetti (2013, p. 27)

Nessa perspectiva, dialogamos com Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018), ao afirmarem que o primeiro objetivo de trabalhar com entrevista é ensinar aos alunos o que é e para que servem as entrevistas e lhes mostrar que, na imensidão de possibilidades, cabe ao entrevistador dirigir o rumo da conversa. Para a avaliação desta produção, foram observados a atuação do entrevistador e entrevistado acerca da situação de comunicação, a linguagem verbal formal ou informal, o tom de voz, se revelou dificuldades em se expressar ou não, assim como se houve clareza nas perguntas e nas respostas, atendendo ao critério de identificação dos gêneros orais.

Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018, p. 100), ao adotarem essa perspectiva, sugerem “avaliar a atividade considerando alguns aspectos significativos, como verificar se a entrevista ocorreu conforme o planejado e se os objetivos foram efetivamente alcançados, direcionando sempre a atenção para as habilidades que se deseja que os alunos desenvolvam”. Além disso, Bilro *et al.* (2023, p. 309) destacam a relevância do papel do gênero entrevista na vida cotidiana de alunos da EJA, (e) defendendo que “esses sujeitos possam agir de maneira mais consciente em situações que exigem um maior grau de planejamento e preparação da fala”.

A Unidade 1 ainda traz, como proposta de atividade para o gênero oral, o debate regrado para discutir o modo como os anúncios publicitários são apresentados na TV e na internet, e se podem ser considerados invasivos em relação aos interesses dos usuários. Essa seção orienta os passos para a realização desse gênero, objetivando o desenvolvimento da competência discursiva a partir das habilidades da BNCC (Brasil, 2018, p. 181) que consiste em:

[...] planejar coletivamente a realização de um debate sobre tema previamente definido, de interesse coletivo, com regras acordadas e planejar, em grupo, participação em debate a partir do levantamento de informações e argumentos que possam sustentar o posicionamento a ser defendido (o que pode envolver entrevistas com especialistas, consultas a fontes diversas, o registro das informações e dados obtidos etc.), tendo em vista as condições de produção do debate – perfil dos ouvintes e demais participantes, objetivos do debate, motivações para sua realização, argumentos e estratégias de convencimento mais eficazes etc. e participar de debates regrados, na condição de membro de uma equipe de debatedor, apresentador/mediador, espectador (com ou sem direito a perguntas), e/ou de juiz/avaliador, como forma de compreender o funcionamento do debate, e poder participar de forma convincente, ética, respeitosa e crítica e desenvolver uma atitude de respeito e diálogo para com as ideias divergentes.

O uso dessa habilidade, nas atividades propostas nesta unidade, procura desenvolver a competência discursiva e o domínio da variedade linguística na modalidade oral, tal como propicia o conhecimento do uso da fala em situações públicas e nos meios de comunicação, reconhecendo as diferenças da modalidade oral formal e informal e ser capaz de utilizá-las conforme a circunstância.

No tocante à Unidade 2, elaborada para o 9º Ano, que aborda o tema "Globalização e Novas tecnologias", é apresentada a proposta do gênero oral palestra. Entretanto, na sua proposta, há a sugestão de convidar um profissional para proferir esse discurso, ao invés de oferecer aos alunos a oportunidade de se prepararem e expressarem suas próprias palavras.

Neste contexto, observamos que esta unidade atende às especificidades da relevância social, conforme indicado nos procedimentos metodológicos de nossa pesquisa. As abordagens direcionadas ao uso da oralidade na concepção das atividades não apenas promovem a comunicação de ideias, mas também estimulam a participação ativa dos alunos, trazendo benefícios significativos

Todavia, nem sempre oferecem uma orientação clara para a criação de estratégias embasadas e argumentativas, que de fato aprimorem o desenvolvimento da oralidade no ambiente de ensino, onde os próprios alunos possam fazer uso do discurso, além de compreensão acerca das peculiaridades de cada discurso e, sobretudo, entenda que cada um desses discursos, debate, entrevista ou palestra, cumpre uma finalidade comunicativa específica.

O último capítulo do volume organizado para o 9º Ano traz a proposta da realização de sarau literário. Nessa atividade, foi possível perceber a marca da oralidade a partir da sugestão de que a divulgação e o convite sejam feitos oralmente. A seção "E eu com isso" orienta ainda que, a cada apresentação, os alunos façam uma breve introdução no sentido de assegurar a participação dos demais, em diversos momentos. Acerca da função social e comunicativa dos gêneros orais, identificamos que os tipos de comunicação oral, discutidos no material didático, são pertinentes para o engajamento dos alunos na comunidade em que vivem, levando em conta contextos de aplicação do dia a dia, do trabalho ou acadêmicos.

Uma outra orientação nessa seção é de que um espaço de improvisação seja bem-vindo, para que os discentes sejam convidados a oralizar por meio da contação de suas histórias, anedotas, cantar uma canção, declamar um poema, entre outros. Para os documentos de caráter normativo, os educandos, especialmente no campo artístico-literário, devem conhecer e apreciar variadas manifestações artístico-culturais, além de se apropriarem delas para (re)criarem-nas com protagonismo e espírito criativo e crítico, conforme a BNCC:

É fundamental que os estudantes possam assumir o papel de protagonistas como apreciadores e como artistas, criadores e curadores, de modo consciente, ético, crítico e autônomo, em saraus, performances, intervenções, happenings, produções em videoarte, animações, web arte e outras manifestações e/ou eventos artísticos e culturais, a ser realizados na escola e em outros locais (Brasil, 2018, p. 483). O sarau aparece, portanto, como uma forma de manifestação que viabilizará o contato dos educandos com as produções artísticas e culturais [...] (Brasil, 2018, p. 156).

Em outro ponto, a BNCC destaca que "nos Anos Finais do Ensino Fundamental, o adolescente/jovem participa com maior criticidade de situações comunicativas diversificadas, interagindo com um número crescente de interlocutores" (Brasil, 2018. p.

136). A partir desse fragmento, podemos inferir a importância de motivar os alunos a participarem ativamente do processo de ensino e aprendizagem. Ao serem expostos a diversos gêneros e, conseqüentemente, a diferentes situações de comunicação com diversos interlocutores, é essencial oferecer oportunidades para a prática oral, como por meio de eventos como o sarau, que permite aos estudantes aprimorarem suas competências na comunicação verbal.

Neste domínio, enfatizamos que as práticas devem incorporar fases de escuta, planejamento e elaboração de um gênero da modalidade oral. Sobre isso, Melo e Cavalcante (2007) afirmam que é necessário não apenas incentivar os alunos a conversarem entre si, mas também desenvolver atividades que promovam a identificação e a reflexão sobre as diversas maneiras de utilização da língua falada.

Considerando o exposto e a análise do LD, podemos inferir que o ensino da oralidade e seus gêneros tem sido realizado no contexto formal, dando prioridade às práticas de oralização de textos escritos, sem levar em conta um planejamento que priorize a essencialidade e a diversidade dos gêneros textuais orais.

A seguir, no quadro 1, expomos um resumo dos dados analisados com base nos nossos achados e nos objetivos propostos. O quadro está organizado por série (ano), gêneros orais identificados em cada livro, sua abordagem, função social atribuída (se houver) e o tipo de atividade proposta.

Quadro 1: Resumo dos dados analisados

Série/Ano	Gêneros orais identificados	Abordagem no livro didático	Função social atribuída	Tipo de atividade proposta
6º ano	Entrevista; Apresentação oral	Leitura de texto e observação de elementos	Comunicação interpessoal; expressão de identidade	Leitura, análise, perguntas de compreensão
7º ano	Debate; Diálogo	Abordagem superficial, sem contextualização didática	Não explicitada	Leitura e exercícios gramaticais
8º ano	Entrevista; Debate	Apresentação do gênero oral como texto escrito	Informação; argumentação	Leitura e produção escrita
9º ano	Palestra; Entrevista; Conversa informal	Inclusão como texto modelo, com pouca exploração oral	Comunicação formal e informal	Leitura interpretativa, sem prática oral

Fonte: Elaboração nossa

Importante dizer que esta coleção se apresenta com um aspecto inovador, o de ser um material multidisciplinar, que congrega todas as disciplinas de cada uma das séries do ensino fundamental em um único volume, abordando, ainda que de forma sutil, questões relacionadas ao tratamento da língua em seu caráter social. Ademais, foi possível inferir que os livros didáticos da coleção Tempo de Aprender (Silva; Silva; Marchetti, 2013) trazem um conjunto de atividades enfatizadas pelos autores como de expressão oral. Mas, a partir da análise que realizamos, depreendemos que a maioria dos exercícios propostos como expressão oral estão voltadas para o uso da fala em contextos informais, como a discussão de temas relacionados ao texto escrito ou mesmo, para a preparação na produção textual, o que não configura um trabalho de reflexão que lance luz sobre a modalidade oral da língua.

Além disso, a análise da coleção revela que, embora sejam contemplados alguns gêneros orais relevantes, como entrevista, debate, palestra e diálogo, esses gêneros são tratados predominantemente em sua forma escrita, sem que se explorem suas características como práticas comunicativas efetivas. Observamos ainda que há pouco ou nenhum espaço destinado ao desenvolvimento da oralidade como prática pedagógica ativa, o que inclui atividades como ensaios de fala, apresentações e rodas de conversa. No tocante às atividades propostas, em sua maioria, permanecem centradas na leitura e interpretação escrita, o que contribui para um distanciamento da realidade vivida da oralidade em situações comunicativas autênticas.

5 CONCLUSÃO

Nossa pesquisa visou analisar a abordagem dos gêneros orais no livro didático “Coleção Tempo de Aprender”, identificando os gêneros orais contemplados no livro e verificando a função social e comunicativa dos gêneros orais encontrados.

Diante disso, retomando os questionamentos que nortearam esta pesquisa e os respondendo, no que se refere ao primeiro questionamento, qual o papel dado aos gêneros orais dentro do livro didático no processo de ensino e aprendizagem de português na EJA? constatamos que os quatro volumes da coleção analisada oferecem atividades que abordam os gêneros orais de maneira limitada, priorizando o uso da fala em contextos informais. Tal cenário revela a supremacia da cultura da escrita sobre a oralidade e a insuficiência de espaço para o desenvolvimento sistemático das práticas orais.

Em relação ao segundo questionamento, como os gêneros orais são abordados no livro didático “Coleção Tempo de Aprender” (Silva; Silva; Marchetti, 2013)?, verificamos que, enquanto no 6º e no 7º ano há praticamente ausência desses gêneros, no 8º ano sua exploração restringe-se à interpretação de textos e à observação de características de produção, sem contemplar propostas de prática efetiva. Apenas no 9º ano se observa maior valorização da oralidade, com atividades que a tomam como foco central, em consonância com os documentos oficiais.

Por fim, no que tange ao terceiro questionamento, que atividades/práticas sociais e comunicativas se expressam no livro didático? identificamos que, de modo geral, as propostas se concentram na leitura e na produção escrita. Embora no 9º ano haja práticas mais alinhadas à oralidade (debates e entrevistas) que podem enriquecer o ambiente de aprendizagem, ainda se percebe a necessidade de maior atenção às especificidades do público da EJA, considerando sua história, seus interesses e a relevância da oralidade para sua inserção social e profissional.

Dessa maneira, enfatizamos que os quatro livros que compõem a coleção didática para os anos finais do ensino fundamental oferecem atividades que abordam os gêneros orais de maneira limitada, com propostas de exercícios focados, principalmente, no uso da fala em contextos informais.

Diante desse cenário, reiteramos a importância de promover atividades nas quais jovens e adultos tenham os aportes necessários à aprendizagem efetiva da linguagem e, assim, possam estabelecer relações e conexões com os graus de formalidade ou informalidade das situações, utilizando-as nos seus mais diversos contextos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, G. O.; MAGALHÃES, T. G. Conhecimentos necessários para a prática de oralidade na escola: avanços e perspectivas. **Trama**, v. 17, n. 42, p. 63-77, 2021. DOI: <https://doi.org/10.48075/rt.v17i42.27273>. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/27273>. Acesso em: 30 jan. 2024.
- BETTI, M.; GOMES-DA-SILVA, P. N. **Corporeidade, jogo, linguagem**: a educação física nos anos iniciais do Ensino Fundamental. São Paulo: Cortez, 2018.
- BILRO F. K. S. *et al.* Entrevista em manuais de educação de jovens, adultos e idosos: um gênero textual para ensinar a oralidade. **Entreletras**, v. 14, n. 1, p. 291-313, 2023. DOI: <https://doi.org/10.20873/ufft179-3948.2023v14n1p291-313> Disponível em: <https://sistemas.uff.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/16486>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 03 dez. 2023.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 08 Dez. 2023.
- CARVALHO, R. S. de; FERRAREZI JR, C. **Oralidade na educação básica**: o que saber, como ensinar. São Paulo: Parábola, 2018.
- CEARÁ. Secretaria da Educação. **Documento Referencial do Ceará: Ensino Médio - Versão Lançamento Virtual (Provisória)**. Secretaria da Educação do Ceará – Fortaleza: SEDUC, 2021. Disponível em: https://www.seduc.ce.gov.br/wpcontent/uploads/sites/37/2022/01/dcrc_completo_v14_09_2021.pdf. Acesso em: 10 dez. 2023.
- COSTA MACIEL, A. G. **Os saberes docentes para o ensino da oralidade**: o que sabem os professores e como compreendem as atividades propostas pelos livros didáticos de língua portuguesa? 2012. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MELO, C. T. V; CAVALCANTE, M. C. B. Superando os obstáculos de avaliar a oralidade. *In*: MARCUSCHI, B. SUASSUNA, L. (org.). **Avaliação em língua portuguesa**: contribuições para a prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 75 – 93.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARQUES, C. Práticas de oralidade no ensino: do texto ao contexto. **Entreletras**, v. 14, n. 1, p. 132-147, 2023. <https://doi.org/10.20873/ufft2179-3948.2023v14n1p132-147> . Disponível em: <https://sistemas.uff.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/16454>. Acesso em: 10 fev. 2024.

SILVA, F. A. de A. **Oralidade e ensino de Língua Portuguesa: o gênero seminário em sala de aula**, 2018.

SILVA, S.; MÉA, C. P. D. Avaliação de gêneros orais: critérios em debate. **Diálogo das Letras**, v. 7, n. 2, p. 44–60, 2018. <https://doi.org/10.22297/dl.v7i2.3205> . Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/618>. Acesso em: 5 set. 2025.

SILVA, C. de O.; SILVA, E. G. de O.; MARCHETTI, G. N. **Coleção Tempo de Aprender**. EJA: 6º ao 9º ano: Língua Portuguesa. 3. ed. São Paulo: IBEP, 2013.

TEIXEIRA, L. Gêneros orais na escola. **Bakhtiniana**, v. 7, n. 1, p. 240-252, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2176-45732012000100014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/r3rdR4q6XXwbpnCYCsXd8NM/>. Acesso em: 8 ago. 2023.

Declaração de contribuição dos autores

Todos os três autores contribuíram com a produção do artigo. Todos eles participaram do levantamento de dados e colaboraram na redação e revisão do artigo. Especificamente, a primeira autora contribuiu na redação de todas as seções do artigo e na revisão da redação do artigo; o segundo autor contribuiu na redação de todas as seções do artigo e na orientação; e a terceira autora colaborou no desenvolvimento da redação dos resultados e revisão do artigo

Declaração de uso de IA

Os autores declaram que utilizaram ferramentas de Inteligência Artificial (IA) na produção deste artigo científico. Em particular, os autores usaram o ChatGPT para auxiliar no processo de revisão linguística e gramatical, garantindo maior clareza e precisão na redação final.

Agradecimentos

Agradecemos aos pareceristas que avaliaram o trabalho que, com suas sugestões teóricas e metodológicas, contribuíram para o aprimoramento do texto.

*Artigo recebido em: 11/05/2025
Artigo aprovado em: 06/09/2025
Artigo publicado em: 05/10/2025*

COMO CITAR

CÂNDIDO, M. B. A.; MESQUITA NETO, J. R.; FARIAS, M. S. Os gêneros orais na "Coleção tempo de aprender": contribuições para a educação de jovens e adultos. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 14, p. 1-16, e02515, 2025.